

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)

**Atena**
Editora

Ano 2020

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

**RAQUEL BALLI CURY
FERNANDA PEREIRA MARTINS
(ORGANIZADORAS)**

Atena
Editora
Ano 2020

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lúvia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Luiza Alves Batista
Correção: Giovanna Sandrini de Azevedo
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizadoras: Raquel Balli Cury
Fernanda Pereira Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

l61 Interconexões: saberes e práticas da geografia 2 /
Organizadoras Raquel Balli Cury, Fernanda Pereira
Martins. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-611-9

DOI 10.22533/at.ed.119202611

1. Geografia. 2. Interconexões. 3. Práticas. I. Cury,
Raquel Balli (Organizadora). II. Martins, Fernanda Pereira
(Organizadora). III. Título.

CDD 910

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos.

APRESENTAÇÃO

As relações que se desenvolvem no espaço geográfico são múltiplas e, complexas, abrangendo as diversas dimensões que compõem a realidade, a exemplo do contexto político, econômico, ambiental, cultural e social, e que devem ser analisados em interação.

E, assim, por ser todo homem agente transformador do espaço em que está inserido se faz necessário que ele amplie a sua consciência sobre os fatos em curso, até mesmo para que seu papel se dê de forma mais efetiva.

Para que isso aconteça é essencial oportunizar e ampliar cada vez mais o debate científico acerca do espaço geográfico, que é o objeto da Ciência Geográfica.

Nesse sentido apresentamos o segundo volume da obra “Interconexões: saberes e práticas da Geografia” no qual competentes profissionais puderam divulgar e expandir o acesso às suas pesquisas, fazendo com que esses valorosos conteúdos alcançassem estudiosos e leitores interessados em desvendar as relações que se desenvolvem no espaço geográfico.

Com competência e dedicação, os autores de cada capítulo desta obra apresentam um prolífico palco de discussões através de estudos de casos, relatos de experiências pedagógicas e revisões bibliográficas compostos por saberes associados aos mais variados caminhos da Ciência Geográfica.

Este volume está dividido em 3 momentos distintos da produção do conhecimento. Do capítulo 1 até o capítulo 5 os textos são referentes ao Ensino da Geografia, saberes e práticas. Os capítulos 6, 7 e 8 apresentam discussões que estão compreendidas no campo das Ciências Exatas e Agrárias em que se insere a Geografia Física e suas subáreas conforme Tabela de Áreas do Conhecimento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Do capítulo 9 até o capítulo 20, encontram-se as reflexões no campo das Ciências Humanas, onde está inserida a Geografia Humana e suas subáreas, também conforme tabela supracitada.

Dessa forma, esta coletânea de artigos ressalta a diversidade temática e metodológica da Ciência Geográfica por meio de saberes interconectados capazes de apontar perspectivas no âmbito educacional, econômico, ambiental, cultural ou social.

Esperamos que o resultado dos estudos publicados com todo zelo e cuidado pela Atena Editora, despertem a criticidade e, ao mesmo tempo, ofereçam um momento prazeroso a todos os leitores.

Raquel Balli Cury e Fernanda Pereira Martins

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A IMPORTÂNCIA DA EXPERIÊNCIA DO PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE INICIAÇÃO À DOCÊNCIA (PIBID) NO PROCESSO FORMATIVO DOS PROFESSORES DE GEOGRAFIA

Leila Procópio do Nascimento
Felipe Terra de Oliveira Silva
Jéssica Silveira de Vasconcelos
Mateus Alves Garcia

DOI 10.22533/at.ed.1192026111

CAPÍTULO 2..... 13

APROXIMAÇÕES ENTRE GEOGRAFIA E LITERATURA INFANTIL: UMA PROPOSIÇÃO DE SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS SOBRE AS REGIÕES BRASILEIRAS À LUZ DA OBRA 'NA COZINHA DO CHEF BRASIL'

Leila Procópio do Nascimento
Débora Vieira da Silva
Bianca dos Santos Mondo

DOI 10.22533/at.ed.1192026112

CAPÍTULO 3..... 21

AS CATEGORIAS DE ANÁLISE EM GEOGRAFIA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO/APRENDIZAGEM DO CONTEÚDO DE RECURSOS HÍDRICOS

Fernanda Pereira Martins
Raquel Balli Cury
Carolina dos Santos Camargos
Renata Pereira Prates

DOI 10.22533/at.ed.1192026113

CAPÍTULO 4..... 35

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO INCLUSIVA: DEMANDAS E DESAFIOS NA PRODUÇÃO DE MATERIAIS DIDÁTICOS PARA O ENSINO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

André Luiz Bezerra da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1192026114

CAPÍTULO 5..... 42

O CINEMA, A GEOGRAFIA E A SALA DE AULA: RELATO DE EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO DOCENTE NO COLÉGIO TÉCNICO DA UFMG

Thiago Macedo Alves de Brito

DOI 10.22533/at.ed.1192026115

CAPÍTULO 6..... 57

AIREHG: UMA EMERGÊNCIA DO SÉCULO XXI

Reginaldo Gouveia dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1192026116

CAPÍTULO 7.....	72
BALANÇO HÍDRICO CLIMATOLÓGICO ANUAL DA MICRORREGIÃO DE RECIFE, PERNAMBUCO	
Gabriel Victor Silva do Nascimento	
Eberson Pessoa Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.1192026117	
CAPÍTULO 8.....	95
FAUNA DE ABELHAS (<i>HYMENOPTERA</i> , <i>APIDAE</i>) NO PARQUE MUNICIPAL DAS ARAUCÁRIAS, GUARAPUAVA, PR	
Glauco Nonose Negrão	
DOI 10.22533/at.ed.1192026118	
CAPÍTULO 9.....	105
A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL E OS CAMPOS DE PRÉ-SAL: DESAFIOS DA GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA BRASILEIRA	
André dos Santos Alonso Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.1192026119	
CAPÍTULO 10.....	115
A DINÂMICA URBANA DA TUBERCULOSE EM MARINGÁ – PARANÁ – BRASIL: 2010 a 2016	
Antonio de Oliveira	
Arlêude Bortolozzi	
DOI 10.22533/at.ed.11920261110	
CAPÍTULO 11.....	135
A PRODUÇÃO DO ESPAÇO E AS DINÂMICAS IMOBILIÁRIAS EM TEMPOS DE CRISE ECONÔMICA NO BRASIL: O CASO DE JUIZ DE FORA/MG	
Andreia de Souza Ribeiro Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.11920261111	
CAPÍTULO 12.....	145
A INTERPRETAÇÃO DA PAISAGEM NA DEFINIÇÃO DE PERCURSOS DE ECOTURISMO NO SUDOESTE DE PORTUGAL	
Teresa Lúcio Sales	
Carla Maria Rolo Antunes	
André Botequilha Carvalho Leitão	
Rosário Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.11920261112	
CAPÍTULO 13.....	153
ÁREAS CRÍTICAS A ACIDENTES COM TRANSPORTE DE PRODUTOS PERIGOSOS NO TRECHO ALAGOANO DA RODOVIA BR-101	
Esdras de Lima Andrade	
Silvana Quintella Cavalcanti Calheiros	
DOI 10.22533/at.ed.11920261113	

CAPÍTULO 14	173
DA GENTRIFICAÇÃO TURÍSTICA EM LISBOA	
Luís Filipe Gonçalves Mendes	
DOI 10.22533/at.ed.11920261114	
CAPÍTULO 15	186
DAVID HARVEY: O GEÓGRAFO MAIS CITADO DO MUNDO	
Eliel Ribeiro dos Anjos	
DOI 10.22533/at.ed.11920261115	
CAPÍTULO 16	199
DEFINIÇÕES DE CIDADES MÉDIAS NA AMAZÔNIA SUL-OCIDENTAL BRASILEIRA	
Victor Régio da Silva Bento	
DOI 10.22533/at.ed.11920261116	
CAPÍTULO 17	212
IMAGEM E PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO: MANAUS VISTA A PARTIR DE CARTÕES POSTAIS	
Luana Castro da Silva	
Caren Michels	
DOI 10.22533/at.ed.11920261117	
CAPÍTULO 18	227
O AERÓDROMO MUNICIPAL DE PONTE DE SOR COMO MOTOR DE DESENVOLVIMENTO LOCAL/ REGIONAL	
António Oliveira das Neves	
Raul Jorge dos Santos Marques	
DOI 10.22533/at.ed.11920261118	
CAPÍTULO 19	234
SEMELHANTES, MAS DIFERENTES: ANÁLISE EXPLORATÓRIA E COMPARATIVA DAS POLÍTICAS DE HABITAÇÃO EM PORTUGAL E ITÁLIA	
Gonçalo Antunes	
Caterina Francesca Di Giovanni	
DOI 10.22533/at.ed.11920261119	
CAPÍTULO 20	243
TÉCNICA E CIÊNCIA COMO DISPOSITIVOS DE AÇÃO EM CONFLITO URBANO- AMBIENTAL	
Ana Cristina de Mello Pimentel Lourenço	
Luiza Pereira Machado	
Ruth Osório de Lima	
DOI 10.22533/at.ed.11920261120	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	258
ÍNDICE REMISSIVO	259

A DEFESA DO ATLÂNTICO SUL E OS CAMPOS DE PRÉ-SAL: DESAFIOS DA GEOPOLÍTICA E GEOESTRATÉGIA BRASILEIRA

Data de aceite: 01/12/2020

Data de submissão: 02/10/2020

André dos Santos Alonso Pereira

Instituto de Energia e Meio Ambiente,
Universidade de São Paulo
São Paulo – SP

<http://lattes.cnpq.br/0327479744998968>

RESUMO: Em 2007 foram anunciados, pelo então presidente Lula (2003-2010), os campos de petróleo na camada Pré-Sal. Este evento impactou a sociedade brasileira, gerando expectativas para o desenvolvimento do país. Os campos, localizados na plataforma continental do país no Atlântico Sul, ou seja, em seu território marítimo, apresentam um desafio logístico e operacional monumentais para a infraestrutura da indústria petrolífera local. Não bastasse os desafios nesses aspectos, o setor passa por incertezas devido à crise da estatal brasileira, a Petrobras, consequência dos desdobramentos da operação Lava-Jato e as quedas do preço do barril de petróleo no mercado internacional. O panorama impõe dificuldades para organizar um projeto de defesa do setor, cujo responsável são as combatidas forças armadas nacionais, em descrédito com o setor público desde o fim da ditadura militar, elevando a dificuldade em encontrar uma solução. Como então pensar num plano de defesa para a área e sua principal riqueza? Apesar dos fatores de crise supracitado, o petróleo continua sendo a

commodity e recurso energético mais disputado do planeta, estando no centro de embates geopolíticos entre grandes potências globais e os países exportadores. Além disso, a área do Atlântico Sul é de importância vital para o país, pois seus principais portos estão localizados nesta porção do litoral brasileiro, essenciais para a realização de trocas comerciais com outros países, o que é vital na economia globalizada, pautada pela interdependência. Em suma, uma alta porcentagem das exportações brasileiras trespassa essa área, e sem elas o país não tem como sustentar sua própria economia, além de ser onde as plataformas de exploração de petróleo estão localizadas. Este artigo propõe contextualizar a questão do Pré-Sal dentro da defesa do Atlântico, avaliar seu grau de importância para seus planos e como eles podem ser vitais para o sucesso econômico do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Geopolítica Energética, Petróleo, Defesa, Geoestratégia.

THE SOUTH ATLANTIC DEFENSE AND THE PRE-SALT OIL FIELDS: CHALLENGES OF BRAZILIAN'S GEOPOLITICS AND GEOSTRATEGY

ABSTRACT: In the year of 2007, former Brazilian president Lula announced the discovery of enormous oil fields in the Pre-Salt layer, located deep into Brazilian oceanic territory. This event provoked a frenzy in Brazilian society, bringing high hopes for the economic development of the country and for reaching a higher standard on the international economy. Those fields, located on Brazilian continental shelf in the South Atlantic, represent a series of challenges for

Brazil to overcome, especially in terms of logistics and operational capacity from the local infrastructure of the oil industry. The sector is suffering from several uncertainties as its state company, Petrobras, is passing through a crisis thanks to the unfolding of Operation “Jet-Wash” and the oil price tumbling on the global market. So, the overall picture does not look good for Brazil’s former pretensions, making even harder for a defense project to be put in action, whose responsibility falls within Brazil’s armed forces scope, generally discredited in the country since its military dictatorship ended more than thirty years ago. How should the country plan a defense system for its valuable resources in such vital area? Despite of the afore-mentioned factors, oil remains the most important commodity in the world, being in the front-line of international disputes and geopolitical tensions between producing countries and the major powers. South Atlantic is essential for Brazil, because this is where its biggest ports are located, making it vital for Brazil’s international trade, essential for the Brazilian economy, given that this a period of economic interdependence at a global scale. A high percentage of Brazil’s exports travels by the region and without them, the country cannot sustain its economy, besides being where the oil platforms are situated. This article proposes to contextualize the Pre-Salt within the Atlantic Defense, to measure its degree of importance for Brazil’s success as an economic force.

KEYWORDS: Energy Geopolitics, Oil, Defense, Geostrategic.

1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como objetivo mostrar um dos principais temas que envolvem a geopolítica brasileira bem como o gerenciamento dos recursos energéticos da nação e seus projetos de defesa territorial. Envolve analisar como se desdobram essas diferentes vertentes da ação estatal brasileira em uma ação que, ao menos na teoria, tratariam da proteção de riquezas nacionais, que nos últimos anos foram colocadas em um tal patamar que poderiam vir a ser a tábua de salvação de vários problemas sociais brasileiros, especialmente na área de educação. Inclusive, várias leis foram passadas no congresso brasileiro a respeito dos lucros que a exploração do Pré-Sal traria à sociedade brasileira, não somente em termos estatísticos de sua balança comercial, mas no desenvolvimento cultural da população e melhoria em sua qualidade de vida.

Tais previsões otimistas ainda não foram concretizadas, e é possível que nunca sejam, mas isso não muda o fato de que a exploração econômica dessas jazidas possa render frutos positivos à economia brasileira, até mesmo devido à importância geopolítica do petróleo, tema com o qual abrimos a seção de desenvolvimento do nosso artigo. Nele, explanamos sobre o impacto que o petróleo provoca nas relações comerciais e diplomáticas do mundo, e como ele atingiu tamanha importância para as economias industriais e baseadas no alto consumo. Em seguida, trataremos da defesa do Atlântico Sul em si, mostrando seu panorama geral e como o Brasil pensa e planeja sua estratégia defensiva frente aos desafios que surgem das águas deste vasto oceano. No terceiro e último item, analisamos em conjunto o tema das duas primeiras partes, exibindo uma conjectura acerca

dos planos brasileiros para o setor militar e energético, usando o Pré-Sal como a ponte que une esses dois pontos.

21 A IMPORTÂNCIA GEOPOLÍTICA DO PETRÓLEO

Pouquíssimas matérias-primas no mundo tem importância geopolítica equivalente ou superior à do petróleo, líder da matriz energética mundial há mais de século e motivo de conflitos bélicos e disputas territoriais, bem como alvo de intrincadas relações comerciais. Devido à complexa configuração de sua indústria e cadeia produtiva, sua exploração econômica requer a cooperação entre países de economias assimétricas e em alguns casos até mesmo inimigos declarados. A flutuação do preço de barril pode enriquecer uma nação ou leva-la a ruína. Como resultado, o petróleo é considerado uma matéria-prima “geopolitizada” (Brito et al., 2012, p.27).

Em escala geopolítica global, o petróleo tem seu preço controlado pelo cartel dos países produtores da OPEP, que vendem majoritariamente o produto para as maiores economias do mundo como Estados Unidos e China. A maior parte desses países são do Oriente Médio, região em constante estado de convulsão. As grandes potências, apesar de seu crescente avanço tecnológico, ainda dependem do petróleo graças ao variado uso que o produto possui nas indústrias, indo desde combustível até fabricação de plástico e outros polímeros (Brito et al., 2012 p.26).

Ao lidar com questões energéticas, os países, notadamente as maiores potências econômicas do planeta, precisam focalizar em três aspectos principais: Suficiência, Continuidade e Preço (Conant; Gold, 1981, p.20). Basicamente, as nações precisam garantir o suprimento de energia minimamente suficiente para suas demandas internas de forma contínua e com um preço acessível que garanta sua viabilidade. Além disso, é preciso relacionar esses fatores com a questão da localização. Os locais de onde os países extraem suas fontes de energia devem estar ou sob seu controle ou então em outros países que eles possuam boas relações bilaterais. Em um cenário ideal, o país deve sempre buscar a autossuficiência, para se resguardar em caso de problemas em suas fontes no exterior, como no caso emblemático dos Choques do Petróleo ocorridos na década de 1970. Porém, a alta demanda interna das grandes economias barra seu alcance neste patamar (Conant; Gold, 1981, p.40-41) e, portanto, atingi-lo traria uma grande vantagem geopolítica e econômica à nação que a obtivesse.

Durante a maior parte da sua história, o Brasil dependeu da importação massiva do produto, tanto devido à falta de reservas quanto à defasagem em capacidade de refino, necessária para transformar o petróleo cru em produtos comercializáveis. Esse cenário sofreu mudanças na década passada graças a evolução técnico-científica do país no setor de exploração em águas ultraprofundas, por sua vez levando a descobertas de enormes jazidas nos campos de Pré-Sal (Petrobras, 2007). Essas reservas elevam o patamar do país

no cenário geopolítico global, possibilitando, em teoria, alçar o país a ter condições de tanto obter autossuficiência quanto se tornar um grande exportador do produto. Caso ambos os objetivos sejam alcançados, o Brasil teria um potencial sem precedentes dentro da geopolítica energética global (Souza, 2007, p. 22). Entretanto, esses planos se encontram apenas no campo hipotético, devido à crise que passa a estatal brasileira, a Petrobras, devido às investigações sobre esquemas de corrupção dentro da empresa.

Mesmo assim, é inegável a importância econômica que as reservas possuem para o futuro do país, cuja renda inclusive é legalmente destinada para investimentos em educação. A lei nº 12.858 de 2013 prevê que cerca de 75% dos lucros obtidos com os royalties do Pré-Sal sejam destinados a um fundo especial que repassará esses dividendos para as secretarias municipais de educação em todo o território da federação, na esperança de trazer avanços neste direito fundamental da população. Entretanto, cabe-nos questionar se tal fundo, originado em reservas no alto-mar, não deveriam também ser utilizados para financiar sua própria defesa? Até que ponto no projeto brasileiro está-se disposto a usar seu desenvolvimento para garantir sua soberania?

Esses últimos termos, desenvolvimento e soberania, foram as palavras-chave que deram o tom nas relações internacionais da América do Sul no último século, norteando todas as tentativas de integração continental, quaisquer que fossem o nível, seja político, econômico, militar, dentre outros. O Brasil não foge à regra. Quando a Petrobras fora inaugurada pelo então presidente Getúlio Vargas em 1953, setores da sociedade denominados “nacionalistas” festejam a fundação da empresa como um marco da soberania nacional frente ao apetite desenfreado do capital estrangeiro imperialista que ameaçava tomar posse das riquezas nacionais. Passado mais de seis décadas, esse tipo de discurso ainda está em voga por aqui, muito devido a crença no binômio entre “Desenvolvimento + Soberania” (ISAPE, 2012, p.4).

3 | DEFESA DO ATLÂNTICO SUL

O Brasil sempre teve um desafio geopolítico de dimensões continentais, assim como seu território, quinto mais extenso do planeta. Indo pelo grande ecossistema amazônico, passando pelos cerrados e pantanal da região centro-oeste, chegando até os pampas da bacia platina ao sul, o território brasileiro perpassa quase todas as regiões da América do Sul, com a notável exceção da Cordilheira dos Andes, e corresponde a cerca de 50% do total desse subcontinente, o que na prática implica ter tanto território quanto seus vizinhos regionais somados. Esse por si só já seria um desafio gigante, porém existe outro de dificuldade talvez ainda mais hercúlea: A defesa do território marítimo brasileiro, popularmente denominado de “Amazônia Azul” (Costa, 2014, p.10), em alusão ao bioma terrestre que leva esse nome, outro local de importância vital para o Brasil em vários sentidos.

Com mais de 4,5 milhões de km², essa porção territorial brasileira está sob jurisdição da federação e sob a proteção da marinha brasileira. Contribui para sua extensão alguns arquipélagos afastados da costa, como o de Fernando de Noronha e São Pedro e São Paulo. Ela é dividida em duas partes: A Zona Econômica Exclusiva (ZEE) e a extensão da Plataforma Continental. Enquanto a primeira é reconhecida juridicamente em órgãos internacionais com base na extensão de 220 milhas náuticas à partir da costa e, portanto, totalmente sob controle brasileiro, a segunda corresponde a extensão da morfoestrutura geológica da plataforma continental, que se estende em alguns além das 220 milhas, conforme podemos observar no mapa abaixo:

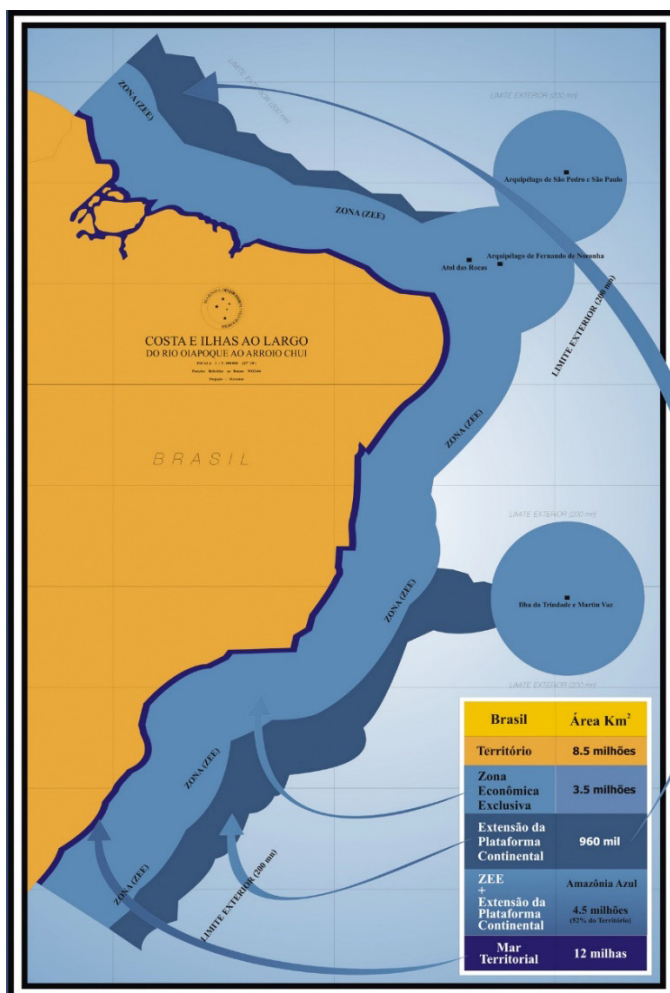


Figura 1: A “Amazônia Azul” – Escala de 1: 5.000.000

Fonte: Marinha do Brasil – Hidrografia Naval

Devido à falta de força militar bruta, em contraste com outros países de dimensões territoriais semelhantes as suas (Ex: EUA, Rússia, China), o Brasil nesse campo concentra suas forças na capacidade de dissuasão e cooperação (COSTA, 2014, pt. 46-47). Em termos práticos, isso implica no estado brasileiro concentrando suas capacidades no chamado “*soft power*” ao invés de “*hard power*” conforme definiu Joseph Nye, doravante, no uso da sua capacidade diplomática. Encarando a realidade crua dos fatos, o Brasil tira proveito do cenário de maneira que lhe mais traz benefícios. E conseguiu isso através de intensa atuação no exterior e organizações internacionais, notavelmente dentro da ONU e sua Convenção Sobre o Direito do Mar de 1982, mas também graças aos investimentos no setor tecnológico local, criando institutos destinados ao desenvolvimento de pesquisa sobre temas marinhos (Costa, 2014, p. 50-51).

Se por um lado o Brasil não possui grande aparato militar na área, o mesmo não pode ser dito do Reino Unido. Os britânicos ainda possuem no local um cordão de arquipélagos, resquícios de seu outrora imponente império colonial, que vão desde a ilha de Ascencion, em latitude próxima à Fernando de Noronha, até as Ilhas Malvinas (para os ingleses, Falklands) no extremo sul do oceano. Mais avançados militarmente que qualquer país em ambos lados da costa, a presença de bases inglesas com estrutura de vigilância modernas e arsenais armazenados aumenta a complexidade geopolítica do Atlântico Sul, ainda mais se considerarmos a parceria com os britânicos possuem com os norte-americanos (Paiva, 2012, p. 337). É mais um desafio para a capacidade de dissuasão brasileira enfrentar em defesa de seu território em alto-mar.

Porém, é importante destacar o eficaz gerenciamento que o país é capaz de fazer com essa capacidade para aumentar sua influência e presença locais, especialmente no tocante em melhorar suas relações comerciais e diplomáticas com vizinhos sul-americanos e africanos, dogma predominante na política externa baseada no reforço das relações Sul-Sul durante o governo Lula (Vizentine, 2012, p.104). Se por um lado a falta de investimentos em segurança nacional pode ser vista como um defeito estrutural, ela também auxilia o país na hora de costurar acordos que só são possíveis devido ao aparente pacifismo do Brasil, facilitando à cooperação internacional e melhorando a imagem do país (Paiva, 2012, p. 340). As grandes ambições brasileiras, como conquistar uma vaga no conselho de segurança da ONU, passam por essa habilidade em dissuasão, ou seja, no que os teóricos das relações internacionais chamariam de “*soft power*”. Bastará para a geoestratégia brasileira apostar somente nessa vertente?

4 | ATLÂNTICO SUL E A GEOESTRATÉGIA ENERGÉTICO-MILITAR BRASILEIRA

O petróleo em regiões *offshores* sempre foi um grande motivador para a expansão brasileira oceano adentro. O interesse brasileiro vem aumentando desde os anos 1970,

quando as primeiras jazidas foram descobertas na Bacia de Campos. Com isso, a Petrobras e a indústria petroquímica nacionais foram alavancando também a indústria naval, devido a demanda de sistemas de engenharia sofisticados para o setor, que demanda navios petroleiros, plataformas de exploração e modernização dos portos.

Mesmo antes da fundação da Petrobras e da descoberta de campos petrolíferos em águas ultraprofundas, o Brasil já se utilizava do potencial geopolítico do Atlântico Sul para alavancar e modernizar sua economia. Durante a Segunda Guerra Mundial, o líder político brasileiro, Getúlio Vargas, barganhou com os norte-americanos a entrada do Brasil na Guerra do lado deles, e a instalação de bases militares no litoral do nordeste brasileiro, em troca do financiamento da indústria siderúrgica brasileira (VIZENTINI, 2012, p. 15). Vizentini assim exemplifica a estratégia varguista:

“... e o primeiro governo Vargas (1930-1945), que se pautou por uma tentativa consciente de tirar proveito da conjuntura internacional e da redefinição da economia brasileira, por meio da utilização da política externa como um instrumento estratégico para lograr a industrialização brasileira”. (VIZENTINI, 2012, p. 15)

Conforme esse trecho demonstra, é antiga a tática brasileira de aliar a potencialidade de seu território com suas agendas desenvolvimentistas. Em breve, poderemos ver seu ressurgimento no caso do Pré-Sal. Poucas regiões no mundo são tão promissoras na exploração de novas reservas petrolíferas quanto à do Atlântico Sul, nos dois lados do oceano. Tanto na costa brasileira, quanto na costa de alguns países africanos como Nigéria e Angola, as jazidas ali encontradas tem um grande potencial comercial, além de representarem vantagens competitivas para alguns mercados, notadamente o norte-americano, por estar mais perto do que o Oriente Médio (embora não necessariamente com menos conflitos bélicos, infelizmente comuns nessa região também). E com isso chegamos ao cerne do projeto brasileiro para o Pré-Sal: Utilizar as reservas não apenas para garantir de vez a autossuficiência do país em questões energéticas e tornar-se um grande exportador de petróleo no mercado global, obtendo lucros e dividendos que financiariam seu desenvolvimento (Petrobras, 2013).

Não à toa, os principais focos da área internacional da empresa são a América do Sul e a região do Golfo da Guiné na costa africana, ou seja, os dois lados do Atlântico Sul. No caso da América do Sul, esse foco se dá pelas questões de proximidade, que facilita o acesso do Brasil às outras reservas de matérias-primas energéticas nos seus vizinhos (um exemplo sendo o gás natural boliviano) e propiciou o processo de internacionalização da empresa na área, notadamente após a companhia quebrar seu monopólio estatal em 1997. Já no continente africano, facilita em muito as semelhanças geológicas entre os litorais e a presença de países lusófonos como a Angola. Graças ao desenvolvimento técnico da empresa em exploração em águas ultraprofundas, as relações comerciais e criação de parcerias no continente aumentou substancialmente.



Figura 2: Atuação Internacional da Petrobras em 2013

Fonte: Petrobras – Apresentação do Plano Estratégico para 2020 (Rio de Janeiro, 2007)

Porém nos últimos anos o Brasil sua maior companhia no centro de um dos piores escândalos políticos da história da nação e como consequência direta a companhia entrou em crise, sendo forçada a vender alguns de seus ativos no exterior e ceifar seus investimentos para os próximos anos. A companhia entrou em uma fase onde seu objetivo é se desfazer de seus ativos que não estejam incluídos nas áreas de exploração e produção dos campos de Pré-Sal, tornando-se na prática uma empresa de extração *offshore*, não mais uma empresa diversificada de energia.

A produção do Pré-Sal continua a bater recordes, atingindo um total de 1,018 bilhão de barris em 2019 (Petrobras, 2020). Isto foi um dos propulsores da estratégia de desinvestimento de ativos da empresa, acentuadas na gestão Michel Temer (2016-2018) e continuada na gestão Jair Bolsonaro (2019-), e aponta em uma nova direção para os campos do Pré-Sal, começando em tirar a obrigatoriedade da Petrobras de ter uma participação mínima na exploração de seus campos em 30% (Senado Federal, 2016). Um viés antes nacionalista, deu lugar a uma abordagem liberal que busca atrair as *majors* do setor de óleo e gás internacional. Um contraste gritante com alguns anos predecessores, quando estados e municípios disputaram com a Federação acerca dos lucros dos royalties oriundos da exploração desses mesmos campos.

Vemos então que a geoestratégia brasileira para as questões de geopolítica brasileira se encontram em um momento de mudança paradigmática, de onde vemos a empolgação com as perspectivas de desenvolvimento impulsionadas pelo Pré-Sal deram

lugar à desilusão com a crise econômica da Petrobras, bem como do Brasil como um todo, com um cenário bem mais pessimista pela frente, aonde o futuro brasileiro parece estar sendo sacrificado em busca de lucros menores no curto prazo. Enquanto isso, o país pouco fez para expandir sua influência no Atlântico Sul, ainda a sombra das potências da OTAN e até mesmo de uma maior presença da China.

Mas ao pensarmos em perspectiva histórica, é fácil notar um padrão de erros que novamente se repetiu. O mais notável deles é que apesar dos inegáveis avanços brasileiros e da Petrobras na área de exploração e produção, sendo líder mundial no setor inclusive, permaneceu-se o tradicional gargalo da defasagem na capacidade de refino do país, que ainda o obriga a importar petróleo refinado do exterior (a própria crise teve como origem valores obscuros na compra de uma refinaria na Califórnia), pondo em dúvida a tão proclamada autossuficiência brasileira.

Outro motivo para a crise foi a baixa vertiginosa do preço do barril do petróleo, que torna o petróleo extraído do Pré-Sal sem tanta competitividade. O erro em geral foi apostar em uma matéria-prima que apesar de ser a mais valiosa, tanto em termos econômicos quanto geopolíticos no mundo, o país não tem absolutamente nenhum controle sobre seu preço, o que compromete o tripé citado anteriormente entre suficiência, continuidade e preço. As tensões em 2020 ocorridas entre Rússia e Arábia Saudita devido à crise provocada pela pandemia do Covid-19, foi um demonstrativo disso.

Com isso tudo então, podemos também afirmar que as perspectivas de aumento com gastos de segurança para a área continuarão modestas, visto que uma potencial fonte de renda para uma elevação nestas tem seu aproveitamento comprometido para os próximos anos. Logo, restará ao Brasil continuar investindo nas suas capacidades de dissuasão e cooperação, mais essenciais do que nunca para que o país possa obter acordos que lhe sejam vantajosos para se recuperar da crise econômica em que se encontra. Entretanto, poucas saídas são mais eficientes do que manter os investimentos nos setores técnico-científicos, principais fontes de sucesso nas empreitadas brasileiras durante as últimas décadas. Veremos se elas trarão o sonho dourado da maior nação sul-americana: de que seu desenvolvimento traga junto soberania e vice-versa.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo isso dito, como se daria então essa geopolítica energética brasileira, em que busca em seu próprio território manter suas fontes de renda e de matéria-prima, mas que ao mesmo tempo vem buscando o suporte de capital estrangeiro e parece desprezar a sua própria defesa? Até quando bastará para as pretensões do país apostar em seus movimentos de dissuasão e cooperação para alcançar seus objetivos? Os campos de Pré-Sal devem ser o principal foco da defesa do Atlântico Sul? Conseguirão as forças armadas nacionais assegurar o futuro econômico da nação?

Essas perguntas são algumas que surgem após essa breve reflexão, que busca apresentar algumas das necessidades e perspectivas que a geoestratégia brasileira terá de abarcar para apresentar soluções em um futuro próximo, bem como dar a dimensão do desafio geopolítico que representam tanto as questões energéticas como a de defesa do território nacional, particularmente quando os dois se convergem. Momentos de crise, como a vivida no ano de 2020, reforçam constantemente a importância estratégica do petróleo para a segurança energética de um país.

REFERÊNCIAS

BRITO, T. M.; SANTOS, E. M.; ROUSSEAU, I.; NAVA, Pablo. A dialética da segurança energética e a interdependência das nações: reflexões focadas no papel do petróleo e na dimensão brasileira. In: **Geografia e Geopolítica do Petróleo**. (Orgs) Frédéric Monié et Jacob Binsztok. Ed. MAUAD Ltda. Rio de Janeiro, 2012

CONANT, Melvin et GOLD, Fern Racine. **A Geopolítica Energética**. Editora Biblioteca do Exército. Rio de Janeiro, 1981

COSTA, Wanderley Messias. **Projeção do Brasil no Atlântico Sul: geopolítica e estratégia**, *Confins* [En ligne], 22 | 2014, mis en ligne le 29 novembre 2014, URL: <http://confins.revues.org/9839> ; DOI : 10.4000/confins.9839

ISAPE. Perspectivas e Desafios para a Integração Sul-Americana. **Isape debate, nº1**. Instituto Sul-Americano de Política e Estratégia. Porto Alegre, 2012

PAIVA, Luiz Eduardo Rocha. **Defesa nacional para o século XXI: política internacional, estratégia e tecnologia militar**. IPEA. São Paulo, 2012

PETROBRAS. **Plano Estratégico 2030**. Rio de Janeiro, 2014

PETROBRAS – **Plano Estratégico 2020**. Rio de Janeiro, 2007

PETROBRAS – **Plano de Negócios e Gestão 2015-2019**. Rio de Janeiro, 2015

SOUZA, Nilson Araújo – **Os negócios internacionais da Petrobras**. Artigo. São Paulo, 2007

VIZENTINI, Paulo Fagundes – **Relações Internacionais do Brasil: de Vargas a Lula**. Ed. Fundação Perseu Abramo, 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abelhas 95, 96, 97, 98, 99, 101, 102, 103, 104
Aeronáutica 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233
Airehg 57, 58, 59, 62, 63, 64, 65, 67, 68, 69
Alojamento Local 173, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 183, 184
Amazônia Sul-Occidental 199, 200, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 210
Arrendamento 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 232, 234, 235, 236, 237, 238
Aulas 4, 5, 6, 7, 9, 14, 15, 16, 40, 42, 43, 45, 48, 53, 55, 196

B

Biogeografia 95, 104

C

Capitalismo 49, 51, 135, 136, 140, 144, 181, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 256, 258
Categorias Geográficas 21, 23, 25
Cidades Médias 135, 140, 144, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 208, 209, 210, 211
Ciência 9, 15, 20, 23, 24, 27, 32, 35, 36, 38, 43, 48, 54, 57, 67, 68, 72, 92, 93, 135, 243, 244, 246, 251, 254, 255
Cinema 42, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 53, 54, 55, 56, 196
Conceitos 16, 21, 23, 24, 25, 27, 29, 32, 33, 34, 50, 134, 173
Conflito Urbano-Ambiental 243, 244
Criticidade 23, 33, 153, 155, 156, 158, 159, 161, 162, 163, 167, 168, 169, 170, 171

D

Defesa 105, 106, 108, 110, 113, 114, 181, 228, 229
Deficiência Hídrica 72, 75, 84, 87, 90, 91, 92
Deficiência Visual 35, 36, 38, 39

E

Educação Básica 2, 3, 4, 5, 6, 9, 12, 21, 25, 32, 258
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 50, 55, 56, 123, 231, 232, 258
Espaço Urbano 115, 131, 135, 144, 146, 182, 189, 212, 217, 218, 224, 225, 243, 244, 246, 254, 255
Evapotranspiração 72, 75, 76, 81, 82

Excedente 72, 75, 76, 83, 84, 85, 86, 87, 190

G

Gentrificação 173, 175, 181, 182, 184, 240, 254, 256

Geoestratégia 105, 110, 112, 114

Geografia 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 54, 55, 56, 57, 58, 61, 62, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 92, 93, 95, 98, 114, 115, 116, 133, 140, 144, 153, 159, 171, 172, 173, 183, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 196, 197, 199, 210, 227, 240, 247, 258

Geopolítica Energética 105, 108, 113, 114

Geoprocessamento 153, 154, 160, 171, 172

H

Habitação Social 234, 235, 236, 237, 239, 240

I

Identidade 7, 25, 28, 29, 145, 147, 149, 212, 213, 214, 216, 225

Impactos Socioambientais 58, 59, 62, 66, 67, 69, 71

Inclusão 35, 36, 37, 38, 40, 41, 127, 129

Infraestrutura 1, 9, 10, 105, 115, 116, 118, 129, 130, 132, 137, 158, 171, 218, 221, 229, 245, 254

Iniciação à Docência 1, 2, 5, 8, 10, 11, 44

Investimento 10, 137, 173, 175, 176, 179, 181, 182, 227, 228, 229, 230, 232, 237, 239, 240

L

Literatura Infantil 13, 14, 15, 16, 20

M

Meio Ambiente 6, 57, 58, 64, 65, 67, 69, 70, 73, 105, 116, 153, 154, 155, 160, 188, 193, 195, 225, 244, 246, 248, 254, 258

P

Petróleo 105, 106, 107, 110, 111, 113, 114

PIBID 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 42, 44, 53

Planejamento 4, 5, 6, 8, 16, 19, 42, 44, 45, 53, 55, 73, 77, 91, 92, 118, 132, 154, 172, 247, 253, 257

Polarização 183, 199, 200, 201, 202, 205, 206, 208, 209

Políticas de Habitação 234, 235, 236, 237, 239, 240, 241

Políticas Urbanas 173, 174, 176

Pós-Modernidade 186, 187, 189, 191, 197

Produtos Químicos 153, 154, 156, 158, 163

R

Regiões Brasileiras 13, 14, 15, 16, 17, 200

S

Sala de Aula 7, 10, 17, 18, 23, 26, 27, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 50, 51, 53, 54

Seminário 11, 40, 42, 45, 46, 50, 52, 53, 54, 133, 152, 256

T

Técnica 20, 45, 46, 47, 48, 55, 56, 135, 158, 243, 244, 246, 251, 254, 255

Transporte Rodoviário 154, 158, 170, 171, 172

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

INTERCONEXÕES: SABERES E PRÁTICAS DA GEOGRAFIA

2

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 